

Duas mulheres, dois livros: narrativas femininas acerca da campanha “De Pé no Chão Também se Aprende a Ler”¹

Two women, two books: women's narratives about the "Barefoot on the Ground One Also Learns to Read" campaign

Dos mujeres, dos libros: narrativas femeninas sobre la campaña "Con los Pies en la Tierra También se Puede Aprender a Leer"

Alessandra Maria dos Santos

ORCID: <https://orcid.org/0000-0002-4032-4363>

Raylane Andreza Dias Navarro Barreto

ORCID: <https://orcid.org/0000-0002-5602-8534>

Resumo: A despeito das tentativas de omitir a presença feminina na história, ao ter oportunidades, as mulheres não apenas revelam suas participações, mas também seus pensamentos e percepções. Por isso, neste artigo, pretendemos analisar duas narrativas femininas acerca da campanha de alfabetização “De Pé no Chão Também se Aprende a Ler”, que ocorreu na cidade de Natal, no Rio Grande do Norte, no período de 1961 a 1964. Por meio de uma pesquisa bibliográfica e documental, com análise de relatórios, jornais e materiais didáticos relacionados à campanha – e com o auxílio da metodologia da história oral – realizamos uma investigação sobre as narrativas da referida campanha de alfabetização, especialmente nas obras *1964: aconteceu em abril* e *Memórias da Campanha “De Pé no Chão Também se Aprende a Ler”*. Para além dos dados da campanha, esses livros revelam aspectos biográficos das narradoras. Tais obras foram produzidas, respectivamente, por Mailde Pinto Galvão (1925 – 2013) e Margarida de Jesus Cortez (1930 –). As discussões teóricas da História Cultural (Chartier, 2002) e da História das Mulheres (Perrot, 2005; 2007) guiaram a compreensão dos dados, os quais indicam que, bem mais que compor o conjunto bibliográfico sobre a educação popular, os livros analisados compreendem a perspectiva feminina. Conclui-se que as obras, enquanto registros históricos, desvelam a intenção das autoras de explicitar seus pontos de vista acerca dos movimentos populares da educação, bem como demonstram suas subjetividades e a presença feminina na produção historiográfica.

Palavras-chave: mulheres; narrativas femininas; escrita feminina; De Pé no Chão Também se Aprende a Ler.

¹ Este artigo faz parte do projeto “A relação mulheres - educação e regime político autoritário no nordeste do Brasil (1964-1978)” financiado pelo Conselho Nacional de Desenvolvimento Científico e Tecnológico a partir do edital Universal MCTIC/CNPq 2021. Revisão e normatização pagas com recurso do edital 02/2023 Propeq/UFPE.



Abstract: In the face of attempts to exclude the female presence from historical narratives, when given opportunities, women not only demonstrate their participation but likewise their thoughts and perceptions. This article analyzes two women's narratives about the "Barefoot on the Ground One Also Learns to Read" (De Pé no Chão Também se Aprende a Ler) literacy campaign, which took place in the city of Natal, Rio Grande do Norte, from 1961 to 1964. Through bibliographical and documental research, analysis of reports, newspapers, and didactic materials related to the campaign, and the use of oral history methodology, we investigated the narratives of the literacy campaign, especially in the books 1964: Aconteceu em Abril and Memórias da Campanha "De Pé no Chão Também se Aprende a Ler". In addition to providing details about the campaign, these books reveal biographical aspects of the narrators. Such works were produced, respectively, by Mailde Pinto Galvão (1925–2013) and Margarida de Jesus Cortez (1930–). The theoretical discussions of Cultural History (Chartier, 2002) and Women's History (Perrot, 2005, 2007) informed the interpretation of the data, which indicates that much more than composing the bibliographic set on popular education, the books analyzed comprehend the feminine perspective on the fact, unveil the authors' intention of explaining their positions regarding popular education movements as well as demonstrating their views.

Keywords: women; women's narratives; feminine writing; De Pé no Chão Também se Aprende a Ler (Barefoot on the Ground One Also Learns to Read).

Resumen: Ante los intentos de omitir la presencia femenina en la Historia, cuando tienen oportunidades, las mujeres no solo visibilizan su participación, sino también sus pensamientos y percepciones. Por lo tanto, en este artículo, buscamos analizar dos narrativas femeninas sobre la campaña de alfabetización que tuvo lugar en la ciudad de Natal, en Rio Grande do Norte: en el período 1961 a 1964. A través de una investigación bibliográfica y documental, con análisis de informes, periódicos y material didáctico relacionado con la campaña — y con la ayuda de la metodología de la historia oral —, realizamos una investigación sobre las narrativas de la mencionada campaña, en las obras: 1964 Pasó en Abril y Con los Pies en la Tierra También se Puede Aprender a Leer. Además de los datos de campaña, estos libros revelan aspectos biográficos de las narradoras. Tales obras fueron realizadas, respectivamente, por Mailde Pinto Galvão (1925 -2013) y Margarida de Jesus Cortez (1930-). Las discusiones teóricas de la Historia Cultural (Chartier, 2002) y de la Historia de las Mujeres (Perrot, 2005, 2007) orientaron la comprensión de los datos, que indican que, mucho más que componer el conjunto bibliográfico sobre educación popular, los libros analizados comprenden la perspectiva femenina. Se concluye que las obras, como registro histórico, revelan la intención de las autoras de explicar sus puntos de vista sobre los movimientos populares en la educación, así como evidenciar sus subjetividades y la presencia femenina en la producción historiográfica.

Palabras clave: mujeres; narrativas femeninas; escritura femenina; De Pé no Chão Também se Aprende a Ler (Con los Pies en la Tierra También se Puede Aprender a Leer).

1 Introdução

O jornal Diário de Natal, periódico da capital potiguar, estampou, no dia 28 de setembro de 1964, uma matéria com o seguinte título: "Relatório de Veras espelha subversão nos meios Sindical, Estudantil, Intelectual e Prefeitura" [sic]. Notícias acerca de investigações e prisões de pessoas envolvidas em "atos perturbadores da ordem social", após o golpe militar de 1964, pareciam comuns na imprensa brasileira, a ponto de trechos de relatórios

policiais serem difundidos nas folhas jornalísticas, como aconteceu em Natal. Tais matérias tinham o intuito principal de asseverar a periculosidade dos “rebeldes” e de suas ações.

O relatório citado no jornal Diário de Natal foi produzido pelo delegado Carlos Moura de Moraes Veras, funcionário do estado de Pernambuco e cedido ao governo potiguar para que, junto à polícia norte rio-grandense, trabalhasse na investigação acerca da infiltração comunista na cidade de Natal. Nesse sentido, Veras procurou especificamente difundir e comprovar a ameaça representada pelos comunistas na capital potiguar. Já nas cidades interioranas do Rio Grande do Norte, a investigação ficou sob a incumbência do também cedido delegado José Domingos da Silva, funcionário da segurança pública de Pernambuco. O documento policial produzido por Veras constituiu um dossiê acusatório direcionado, sobretudo, aos integrantes da campanha “De Pé no Chão Também se Aprende a Ler”, uma vez que as ações eram lideradas por Djalma Maranhão, ex-filiado do Partido Comunista, e visavam intervir nas mazelas sociais do povo, sendo uma dupla ameaça aos tradicionais ordenamentos de poder.

Já a campanha “De pé no chão...”, instituída em 1961 pela prefeitura de Natal, no início da segunda gestão de Djalma Maranhão², objetivou principalmente reduzir os altos índices de analfabetismo na cidade, que beiravam 38% da população natalense (Góes, 1980). Somou-se a esse intento o interesse de contribuir para a formação cultural e profissionalizante, por intermédio das Praças de Cultura e de cursos de corte e costura, datilografia, telegrafia, barbearia, entre outros. Embora a iniciativa fosse do chefe do executivo municipal, após demandas de comitês populares, esta obteve auxílio do secretário municipal de educação, Moacyr de Góes, bem como de professores, técnicos, funcionários da prefeitura e estudantes secundaristas e universitários (Góes, 1989).

Ainda que os objetivos da campanha fossem plausíveis, os recursos para alcançá-los eram escassos. Diante disso, as primeiras instalações das escolas da campanha “De Pé no Chão Também se Aprende a Ler” ocorreram em residências, associações de bairro e salões de igrejas. Contudo, em poucos meses, as salas de aula localizadas em espaços cedidos deram lugar a galpões com dimensões de cerca de 240m². Esses espaços que sediaram os acampamentos escolares eram construídos de modo rudimentar, sendo galpões fundados com caibros, teto de palha de coqueiro e chão de terra batida. Divisórias de madeira separavam as salas de aula e serviam de quadro para as anotações com giz. Tendo

² A primeira vez que Djalma Maranhão presidiu a Prefeitura de Natal, em fevereiro de 1956, não foi por voto popular. A ascensão ao cargo deu-se sob a nomeação do governador Dinarte Mariz. O rompimento com o grupo político de Dinarte fez com que Maranhão renunciasse ao cargo de prefeito, em 1959, para ser deputado federal. Todavia, retornou ao cargo de chefe maior da prefeitura de Natal, em 1961, por sua expressiva atuação no Legislativo e pela alteração da legislação municipal, que conferiu à cidade autonomia administrativa e política. Sendo assim, Djalma Maranhão pode regressar à prefeitura, mas, dessa vez, sob o pleito popular, e tornando-se o primeiro prefeito eleito da cidade (Germano, 1989).

em vista essa estrutura elementar e sem muitas exigências para a matrícula, o jornalista Expedito Silva pontuou na imprensa local que, em Natal, até “de pé no chão também se aprende a ler”, surgindo, a partir disso, a expressão que deu nome ao movimento educacional popular (Silva *apud* Germano, 1989, p. 102).

Toda organização e estrutura da campanha perduraram por cerca de três anos, mas, no dia 31 de março de 1964, ao ser deflagrado o golpe militar no Brasil, as ações com vistas à mudança social, por intermédio da educação popular, foram cessadas de maneira abrupta. Além disso, nos meses subsequentes, houve a expressa tentativa de incriminar todos os envolvidos nas ações da campanha de alfabetização, considerando-os subversivos que atentaram contra a segurança nacional. Por isso, houve a convocação de agentes públicos de fora do estado do Rio Grande do Norte para compor indícios materiais contra os acusados.

Com base no relatório de Carlos Veras, o jornal Diário de Natal reavivou o temor aos comunistas por difundir a ideia de que seus mecanismos educacionais foram instrumentos de “esquerdizar a consciência” (Relatório [...], 1964, p. 3). O discurso temerário aos comunistas, propalado pela imprensa conservadora, agregou-se aos três pilares fundamentais do anticomunismo: catolicismo, nacionalismo e liberalismo. Sob os argumentos da defesa da fé cristã, contra a filosofia comunista do ateísmo, do nacionalismo conservador da ordem, tradição e centralização, assim como a liberdade política e econômica, ratificada na propriedade privada, apregou-se a ojeriza e terror ao comunismo (Motta, 2000). Instaurou-se, dessa forma, uma verdadeira caçada aos comunistas.

Ainda que a campanha de alfabetização não tivesse vinculação direta com o Partido Comunista Brasileiro (PCB), nem tampouco a maior parte afiliada de seus integrantes, o inquérito e relatórios produzidos por Carlos Veras e publicizado no jornal Diário de Natal fizeram reiteradas acusações. Aproveitando-se da onda anticomunista, o delegado buscou comprovar a interferência dos comunistas nas ações da Prefeitura de Natal, de modo que a parceria da campanha “De Pé no Chão...” com a União Nacional dos Estudantes (UNE) e o Movimento de Cultura Popular (MCP)³, além do uso da cartilha “Livro de Leitura de Pé no Chão...”⁴, configuraram-se evidências de doutrinação e subversão à ordem e à seguran-

³ A parceria mencionada refere-se ao envolvimento de estudantes, sobretudo universitários, aliados aos movimentos estudantis nas ações educacionais populares. A União Nacional dos Estudantes, por intermédio da UNE Volante, percorreu, em 1962, com o Centro Popular de Cultura (CPC) da UNE, diversos estados do Brasil na difusão artística, especialmente nas artes cênicas e cinematográficas. Já o Movimento de Cultura Popular, fundado em Recife, colaborou com diversos movimentos ao apresentar sua estrutura organizacional, bem como seu principal material didático, o Livro de Leitura Para Adultos, que foi adaptado por movimentos e campanhas como “De Pé no Chão...”. Assim, na ambiência e anseio de transformação social, a juventude universitária circulou por movimentos de valorização da cultura e educação popular.

⁴ O material utilizado na campanha “De Pé no Chão...” foi uma adaptação da cartilha elaborada pelo MCP – Livro de Leitura Para Adultos – realizada por Maria Diva da Salete Lucena. Esse livro foi produzido, em

ça nacional (Silva; Veras, 1964). O relatório composto por depoimentos, panfletos de atividades sindicais ou estudantis e correspondências trocadas entre os acusados foi anexado ao inquérito policial e entregue ao governador do RN, Aluísio Alves, em setembro de 1964, com a intenção de comprovar as acusações.

Em trechos do relatório, transcritos e apresentados no Diário de Natal, divulgou-se que o setor de ensino natalense serviu aos interesses da difusão ideológica comunista, ou seja, segundo a acusação, havia uma rede formada pelos comunistas que se utilizou desde o movimento estudantil às atividades culturais, até chegar à campanha de alfabetização. Por intermédio do inquérito e do relatório, 45 pessoas foram indiciadas e disseminou-se ainda mais o receio da população de qualquer vinculação aos temerosos comunistas (Silva; Veras, 1964).

Nas denúncias divulgadas no jornal Diário de Natal, destacam-se os nomes de: Djalma Maranhão (1915 – 1971), professor e prefeito de Natal; Luiz Ignácio Maranhão Filho (1921– ?), irmão de Djalma Maranhão, jornalista, advogado e comunista e Moacyr de Góes (1930 – 2009), Secretário de Educação da cidade de Natal na época. Ainda que esses nomes se destacassem por serem os possíveis mentores das ações consideradas subversivas, em trecho do relatório publicado no periódico constam outros nomes, como o de algumas mulheres, a exemplo de Margarida de Jesus Cortez, diretora do Centro de Formação de Professores da referida campanha e Mailde Ferreira de Almeida⁵, responsável pela Diretoria de Documentação e Cultura da Secretaria de Educação no período. É a essas mulheres que este artigo se dedica, visto que o destaque dado às ações políticas que desencadearam a fundação da campanha não menciona nomes femininos como protagonistas desse período da História da Educação no Brasil.

Com o objetivo de evidenciar um dos diversos e distintos modos de inscrever suas páginas na história, reunimos neste artigo duas mulheres atuantes e militantes da causa da educação popular, cujos exemplos destoam de maneira contundente da historiografia feminina focada ora na invisibilidade ora no perfil de indomável ou resignada. Há que se demonstrar, com base em histórias tais quais as tratadas aqui, que as mulheres, ao longo do tempo, não se detiveram apenas ao lar nem se restringiram aos perfis designados nas restritas fontes documentais escritas por homens, que as descrevem sob o jugo de seus modelos tradicionalmente inventados (Barreto; Morais 2021). Afinal, como demonstrare-

1962, por Josina Godoy e Norma Porto, em Recife, sendo precursor de inovação pedagógica ao propor vocábulos e imagens próprias da realidade dos educandos, distanciando-se do caráter infantilizado das cartilhas da época.

⁵ Nome de solteira. Após o segundo matrimônio adotou o nome de Mailde Ferreira Pinto Galvão.

mos, elas também participaram e escreveram a História, sendo essa escrita, de acordo Michelle Perrot (2007), relevante fonte histórica para contrariar silêncios impostos.

As justificativas para relegar as mulheres à obscuridade nos registros históricos são evidenciadas pelas abordagens que ressaltavam apenas os grandes feitos e acontecimentos (Perrot, 2005). Há ainda aquelas amparadas nos métodos positivistas de investigação, que se refletem nas narrativas históricas que destacam apenas heróis e personalidades ilustres. Tais justificativas não notabilizam as pessoas comuns, aquelas que participaram e vivenciaram os eventos e que, como afirmou Hobsbawm (2018), fizeram, de fato, a história.

2 As mulheres no movimento da história participam, constroem e escrevem

Ao esboçarem as ações e o desfecho da campanha “De Pé no Chão Também se Aprende a Ler”, Mailde Galvão e Margarida de Jesus Cortez narraram aspectos da memória coletiva vinculados às suas memórias individuais, o que nos ajuda na desmistificação do lugar reservado às mulheres nesse capítulo da história da educação brasileira. Isso porque suas experiências pessoais descritas entre as tramas da alfabetização popular, somadas às exposições de suas subjetivações, foram conferindo às mulheres outro lugar, distinto do comumente a elas reservado, pois produziram registros documentais e os difundiram, contribuindo não apenas com o movimento da História, mas com a sua própria escrita, na medida em que expuseram seus traços femininos.

Essas duas personalidades, conforme a matéria publicada no jornal Diário da Manhã, tiveram seus nomes inseridos em inquéritos policiais devido às acusações de atos subversivos. Se tomarmos as fontes históricas apresentadas – relatórios, inquéritos policiais e periódicos da época – sem lançarmos questionamentos, isentando-as da lógica peculiar à pesquisa histórica (Thompson, 2021), é possível enxergá-las apenas como subversivas, comunistas e ameaçadoras à ordem social. No entanto, o que de fato fizeram para que seus atos se configurassem ameaças? Quais perigos elas representaram? Seriam realmente deletérias à sociedade? Enfim, o que mais se sabe acerca delas e o que fizeram no movimento da História? Antes mesmo de darmos ênfase às suas ações e produções, convém apresentar alguns dados biográficos de ambas.

Mailde Ferreira Pinto Galvão nasceu em 25 de fevereiro de 1925, na Fazenda Malhada Vermelha, no município de Apodi, Sertão do Rio Grande do Norte. Pertencente a uma família com posses de terras, era a mais velha dos cinco filhos do senhor Francisco Ferreira Pinto, fazendeiro, e da senhora Francisca Umbelina de Noronha, dona de casa. Iniciou seus estudos no Grupo Escolar Malhada Vermelha, propriedade da família, e deu continuidade no Ginásio Sagrado Coração de Maria em Mossoró-RN.

Casou-se aos 16 anos e desquitou-se três anos depois, voltando para casa de seus pais. Nesse regresso, além da tenra idade, 19 anos, carregou as marcas do matrimônio involuntário e, nos braços, sua pequena filha com dois anos de idade. Na sequência, enfrentou o preconceito por ser mulher separada, a crise financeira vivenciada pela família e a depressão pela frustração de muitos sonhos. Todavia, encontrou na leitura uma paixão – ânimo para seguir a vida (Galvão, 2004).

Prestou concurso público para a Empresa Brasileira de Correios e Telégrafos (Candidatos aprovados [...], 1953, p. 9), contrariando a vontade de seu pai, conforme rememorou Claudio Galvão (2021). Aprovada para o cargo de manipulante postal, assumiu, posteriormente, a função de secretária do chefe do Departamento Pessoal dos Correios. Graças ao emprego e em virtude da decadência financeira do pai, tornou-se arrimo de família. Em 1961, aceitou o convite para contribuir com as ações educativas da Secretaria de Educação de Natal, e assim foi trabalhar na campanha “De Pé no Chão Também se Aprende a Ler”, assumindo a Diretoria de Documentação e Cultura (DDC). O medo (a princípio devido à inexperiência) foi um entrave, mas depois de passar uma semana em Recife com membros do Movimento de Cultura Popular e obter apoio de professores e artistas de Natal, começou a realizar as ações na DDC. Assim, rememora que

Eu tive muita sorte porque eu não era, digamos, eu nunca tinha tido uma experiência de linha de frente de trabalho. E eu tive um certo receio de que os intelectuais mais experientes desejassem fazer aquele trabalho, mas eu tive muita sorte porque eu tive o apoio de todos eles. Foi muito bom, fui muito bem acolhida (Galvão, 2004, p.4 [sic]).

Como diretora, em suas primeiras atividades, buscou evidenciar a cultura popular ao fundar um pequeno museu de arte popular, sendo a valorização da cultura nordestina, em especial a do Rio Grande do Norte, o esteio para as demais atividades nesse órgão. Em continuidade a essa ação, deu início à instalação de bibliotecas populares nas praças. Semelhante aos acampamentos escolares, as bibliotecas foram erguidas com madeiras e cobertas com palhas de coqueiro e serviram tanto para estímulo à leitura, com empréstimos de livros sem muitas exigências quanto para lançamento de livros de escritores locais (Galvão, 2004).

Além das bibliotecas construídas nas praças, Mailde Galvão utilizou um precário ônibus da prefeitura de Natal para criar uma biblioteca volante que percorria bairros da cidade. O intuito maior era que as atividades das bibliotecas pudessem complementar o projeto educativo da campanha “De Pé no Chão Também se Aprende a Ler”. Relembrando, destaca:

Então, nós fizemos essa biblioteca lá e uma outra na ponta da cidade nas Quintas. E o prefeito adquiriu um ônibus velho e se fazia, dentro do ônibus também, ele circulava, de oito em oito dias passava num bairro, emprestava os livros e depois voltava, quando não estava quebrado (risos). O que mais? Fizemos uma outra biblioteca no centro da cidade, essa já uma biblioteca de alvenaria, normal, essa era porque na cidade era o centro comercial. E as pessoas liam lá mesmo, tinham as bancinhas, eles podiam ler ali e podiam voltar no dia seguinte, continuar a leitura. E tinha um lanchezinho: era água de coco, caldo de cana, não tinha álcool de jeito nenhum e ali também funcionou muito bem. Era muito frequentada. Nessa área da biblioteca fez-se na praça uma galeria de arte. Era muito bonitinha (Galvão, 2004, p.5 [sic]).

O anseio por expandir o acesso à educação e à cultura foi derrocado logo após o dia 31 de março de 1964. Mailde Galvão acompanhou de perto a prisão do prefeito Djalma Maranhão. Por atuar em uma diretoria da campanha, sendo também pessoa de confiança dele, foi interrogada seis vezes e presa por 40 dias, no 16º Regimento de Infantaria, em Natal. Ao sair da prisão, os abraços afetuosos dos familiares e amigos foram acolhedores naquele momento de desolação. Além da acusação de violação à Segurança Nacional, foi afastada das funções de funcionária pública dos Correios e, com isso, sua situação financeira ficou problemática para além dos estigmas que foram acentuados. A partir de então, passou a ser encarada, na sociedade natalense, com adjetivações depreciativas que, segundo ela própria “[...] no começo, todo mundo olhava: ‘Ela já foi presa’, e, na época, eu era desquitada, eu já tinha dois títulos subversivos: um que era desquitada e outro subversiva” (Galvão, 2004, p. 15).

Apenas no fim de 1967, conseguiu o *habeas corpus* excluindo-a das denúncias. Entretanto, os efeitos das acusações já haviam gerado consequências, como a impossibilidade de retomar suas atividades no funcionalismo público.

No início da década de 1970, casou-se novamente, dessa vez com o professor de história medieval Cláudio Augusto Pinto Galvão e, em 1971, foi para Bélgica acompanhando-o, pois ele receberia uma bolsa de estudos. Ao regressar ao Brasil, em 1973, teve que conviver com a repressão militar ainda existente. Tentou retomar a vida, mas só após a vigência da Lei de Anistia reassumiu suas funções de funcionária pública, contudo, não mais participou de ações coletivas. Faleceu em 26 de abril de 2013 devido a complicações após cirurgia cardíaca, deixando o legado não apenas de um livro, mas suas memórias narrando o horror desencadeado após o golpe militar de 1964.

Na mesma campanha, colaborou, juntamente com Mailde Galvão, Margarida de Jesus Cortez, que atuou como diretora do Centro de Formação de Professores, órgão vinculado à campanha. Margarida nasceu em Natal-RN, em 02 de agosto de 1930, sendo filha caçula de um grupo de cinco irmãos. De família humilde, seu pai, Leônidas Pegado Cortez, trabalhava no comércio cafeeiro, contudo não tinha um emprego fixo. Sua mãe, Júlia Pegado Cortez, era costureira e por isso assumia frequentemente as despesas do lar (Araújo; Marques; Medeiros, 2018).

O Grupo Escolar João Tibúrcio, em Natal, foi o local de aprendizagem das primeiras letras. Já no colégio estadual Atheneu, localizado também na capital potiguar, cursou o ginásio, mas foi na Escola Normal, atual Instituto de Educação Superior Presidente Kennedy, que o direcionamento à área pedagógica foi consolidado. Desse período, rememora:

Eu sempre fui apaixonada pela educação. Quando eu fazia a Escola Normal, eu já ensinava. [...] Então, eu chegava da Escola Normal, comia alguma coisa e ia ensinar adultos. Eu ensinava adultos e, para mim, era uma coisa fantástica. Eu gostava de ensinar. Eu amava ensinar (Cortez, 2011).

A inserção no ensino superior aconteceu na Faculdade de Filosofia do Recife, na qual se diplomou em Pedagogia, em 1956 (Araújo; Marques; Medeiros, 2018). Três anos depois, fez o Curso de Especialização em Educação para a América Latina, na Universidade de São Paulo (USP). Nessa oportunidade, teve contato com educadores de diversas nacionalidades (Cortez, 2005; Marques, 2015).

No regresso para sua terra natal, trabalhou por curto período como professora de Matemática, no Colégio Atheneu, tendo em vista a possibilidade de lecionar a disciplina de Didática Geral na Universidade do Rio Grande do Norte. Ademais, assumiu cargo técnico na Secretaria de Educação do estado. Em outubro de 1961, após ser colocada à disposição da Secretaria de Educação de Natal, assumiu a supervisão geral da Campanha “De Pé no Chão Também se Aprende a Ler” e, em 1962, a direção do Centro de Formação de Professores da campanha (Cortez, 2005).

No exercício dessa função, sua maior preocupação foi com a formação de professores, pois os pretensos resultados dependiam desses profissionais. Por identificar que tanto os monitores quanto o considerável quantitativo de professores tinham formação elementar, ou seja, em nível primário, criou o “Curso de Emergência” com duração aproximada de seis meses, tendo como propósito trabalhar basicamente os conhecimentos didáticos, psicológicos e culturais relacionados à educação. A continuidade pretendida na formação dos monitores e professores aconteceria com o “Curso Normal Ginásial”, com duração prevista de quatro anos e o “Curso Normal Colegial”, com mais três anos de estudos. Esses cursos eram ministrados por professores com formação em nível superior ou graduandos (Cortez, 2011).

Com ênfase na formação dos professores, as orientações e reuniões de planejamento aconteciam frequentemente aos sábados à tarde, quando eram definidas as unidades de trabalho com temas relacionados à realidade dos alunos a serem abordados nas aulas. Cortez salienta que sua atuação, assim como a da equipe com quem trabalhou, evidenciava “o compromisso de alfabetizar as crianças no menor espaço de tempo possível, e todos nós participávamos deste ideal” (Cortez, 2005, p. 54). Assim, de acordo com a autora, o em-

penho, a responsabilidade e o trabalho em conjunto – como o desenvolvido em articulação com a Diretoria de Documentos e Cultura – foram característicos das ações desenvolvidas no Centro de Formação de Professores.

Moacyr de Góes (1980, p. 72) destaca a relevância desse centro: “O CFP desempenhou um papel de primordial importância na ‘De Pé no Chão...’. Na área docente, treinando e reciclando periodicamente professores, monitores e regentes de classes. No campo discente, assegurando o rendimento de aprendizagem”. Cabe destacar que, na direção desse órgão, esteve Margarida de Jesus Cortez.

Por seu comprometimento com uma educação popular, Margarida de Jesus, assim como Mailde Galvão, foi presa, interrogada e sofreu ameaças psicológicas, tendo perdido seus cargos públicos. Na tentativa de seguir em frente, casou-se, em 1966, com Geraldo Magela da Silva, com quem teve quatro filhas e de quem se desquitou dez anos depois (Araújo; Marques; Medeiros, 2018). No mesmo ano de seu casamento, tentou lecionar a disciplina de Fundamentos da Educação no Colégio Normal, na cidade de Macaíba-RN, mas, cerca de um mês depois, foi exonerada devido às acusações ainda em curso. Apesar disso, persistiu no trabalho com a educação e prestou assessoria técnica à Secretaria de Educação e Cultura do estado do Rio Grande do Norte. Segundo a própria Cortez (2005, p. 23), “graças a Deus, esqueceram” de fiscalizar os professores do nível primário de ensino.

Por estar aparentemente “livre” dos olhos fiscalizadores e da repressão militar no Rio Grande do Norte, enquanto atuava no ensino primário, Cortez conseguiu licença de suas atividades profissionais, com anuência do senhor Grimaldi Ribeiro, secretário de educação do estado do Rio Grande do Norte. Assim, ela pôde cursar Administração Escolar em 1969, mais uma vez na USP. Ao terminar o curso, pediu exoneração do magistério primário para permanecer em São Paulo, onde trabalhou como professora de Matemática de 1970 a 1977. Em 1978, prestou concurso público para ser professora de História, porém só conseguiu assumir a função após a Lei da Anistia. Em 1979, retornou ao seu estado natal, reassumindo suas funções na Universidade Federal do Rio Grande do Norte (UFRN) (Cortez, 2005).

O anseio pelo conhecimento a impulsionou (mesmo aposentada da UFRN desde 1990) a cursar o doutorado entre 1999 e 2003, justificando que: “minha intenção não era ganhar dinheiro, tampouco ganhar *status* [...] era atualizar meus conhecimentos” (Araújo; Marques; Medeiros, 2018, p. 654).

3 As memórias das mulheres entre os escritos

Ainda que as produções de Mailde Galvão e Margarida de Jesus Cortez não se restrinjam às narrativas autobiográficas, pois se relacionam à campanha da educação popular, é possível identificar traços de suas subjetividades, haja vista “a pessoa que narra, embora

não possa mudar os acontecimentos, pode reinterpretá-los dentro de um novo enredo, reinventando-se com ele” (Passeggi, Souza, 2017, p. 8).

Os livros produzidos por ambas compõem a relação bibliográfica concernente à campanha “De Pé no Chão Também se Aprende a Ler”. Entre as referências sobre o tema, constam os primeiros livros produzidos na década de 1980: *De Pé no Chão Também se Aprende a Ler: (1961-1964) uma escola democrática*⁶, organizado por Moacyr de Góes e lançado em 1980; e, em 1981, *Lendo e aprendendo: a campanha de pé no chão*⁷, de autoria de José Willington Germano.

Nesses livros, duas das principais bibliografias acerca do movimento popular natalense – demarcadas pela reabertura democrática, mas ainda no período ditatorial – a personificação da campanha omitiu a presença dos atores que a realizaram. Todavia, são perceptíveis aspectos comuns às obras de Moacyr de Góes e José Willington Germano a respeito da campanha de alfabetização natalense. Ambos descrevem as ações do movimento popular com ênfase na perspectiva historiográfico-estruturalista e sociológica, priorizando as descrições de objetivos, planejamento, organização e atividades e, por isso, escamoteando os atores.

Já os títulos elaborados por Mailde Galvão e Margarida de Jesus Cortez percorreram outros caminhos, inicialmente embasados na memória. Mesmo reconhecendo a impossibilidade de se retomar o que foi vivenciado no passado, elas buscaram, ao máximo, a nitidez das sensações e sentimentos, os quais não se esvaíram, mas acomodaram-se sob outras memórias, como ensinou Bosi (2004). Nesse sentido, percebe-se a relevância da lembrança escrita, grafada, ainda que condicionada ao olhar e às interferências do presente. Ademais, quando estas são transcritas por mulheres, adquirem outra dimensão ao se apresentarem narrativas sob diferentes pontos de vista.

Desse modo, ao discorrer sobre a campanha, as autoras contribuíram para a produção de narrativas vinculadas à História das Mulheres. Grilhões invisíveis que fomentaram o apagamento da memória feminina são rompidos à medida que elas manipulam a palavra, ou melhor, as palavras – pensadas, verbalizadas, escritas (Silva; Bastos, 2021).

⁶ Trata, especificamente, da campanha originada na capital potiguar. Nessa obra, Góes descreveu os embates sociopolíticos e problematizou a discussão econômica e cultural amparada na exposição dos outros movimentos educacionais populares, desencadeados no início da década de 1960. Além disso, Góes apresentou um apanhado histórico das ações de educação popular 15 anos após sua interrupção. Tudo isso para dar contorno e preenchimento à campanha.

⁷ Fruto de trabalho acadêmico advindo de sua pesquisa do mestrado em Sociologia na Universidade de Campinas (Unicamp) em São Paulo. O livro foi lançado em 1982 pelas editoras Autores Associados, Cortez e Associação dos Docentes da Universidade Federal do Rio Grande do Norte (Adurn) e obedeceu ao mesmo critério historiográfico adotado no livro de Moacyr de Góes: uma defesa incontestável da abordagem estruturalista. Uma nova edição foi publicada em 1989, mas apenas pelas duas primeiras editoras.

As narrativas memorialísticas propostas por Mailde Galvão e Margarida de Jesus Cortez para a campanha “De Pé no Chão Também se Aprende a Ler” não somente descrevem as ações, os objetivos e o desfalecimento das atividades, mas configuram-se, conforme Ricoeur (2007), baluartes na constituição de uma recordação que se sobrepõe ao esquecimento. Isto significa, por exemplo, que intervêm nas versões a serem contadas – a exemplo dos relatórios e noticiários de 1964 –, especialmente em quem as narra e em como isso é feito. Assim, o diálogo entre memória, história e esquecimento, conforme advoga Ricoeur (2003), tem a intenção de se reapropriar do passado histórico por intermédio da escrita, bem como evitar o apagamento dessa lembrança e o silenciamento historiográfico. Sendo assim, essas produções bibliográficas acerca da campanha apresentam, além de outras narrativas, sujeitos que a história tentou apagar: as mulheres.

Como já anunciado, os livros publicados por essas mulheres expõem suas memórias individuais e colaboram para a coletiva da campanha, indo para além do trabalho dos homens. Também cabe evidenciar que esses textos encontraram condições para serem difundidos, haja vista a produção ter ocorrido num momento favorável ao debate sociopolítico, ou seja, houve receptividade à obra. De acordo com Chartier (2002, p. 127), “[...] não há compreensão de um escrito, qualquer que ele seja, que não dependa das formas através das quais ele chega ao seu leitor”. Logo, os textos produzidos pelas autoras se constituem pela intencionalidade e pelas circunstâncias favoráveis à apropriação e recepção da obra. Por isso, obedeceram às normas de edição e publicação; mas, distintamente daquelas produções referentes ao tema, na década de 1980, os livros de Mailde Galvão e Margarida de Jesus Cortez discorrem sobre perspectivas distintas e valorizam a presença feminina na história, sobretudo pós-abertura política e pós-Constituição de 1988.

O livro *1964: aconteceu em abril* foi publicado em 1994 pela Edições Clima, na cidade de Natal e organizado em 25 capítulos. Enuncia cronologicamente o desenrolar das ações desde o “Golpe militar em Natal”, capítulo 1, até a homenagem “Aos que não sobreviveram”, capítulo 25.

A apresentação do livro foi feita por Maria Conceição Pinto Góes, irmã de Mailde Galvão e integrante da Campanha “De Pé no Chão...”. O texto introdutório revela a multiplicidade feminina de Galvão: mulher alegre, intelectual, descasada e resiliente. Contudo, o deleite convidativo à leitura, expresso na apresentação, contrasta com as primeiras linhas do primeiro capítulo, no qual Mailde Galvão expressou os relatos dolorosos de suas prisões: “por dificuldades emocionais, muitas vezes tive que interromper esta reconstituição, mas eu vivi, sofri, sobrevivi à perseguição da ditadura. Sinto-me, pois, moralmente comprometida a tirar da escuridão as minhas lembranças reprimidas” (Galvão, 1994, p. 1).

O embate entre rememorar e esquecer, segundo Ricoeur (2003, p. 6), encontra, por um lado, “a persistência das feridas feitas pela história” e, por outro, “a afirmação de

unicidade dos sofrimentos suportados por uma comunidade particular” – nesse caso, o sofrimento de mulheres perseguidas e presas por participarem de projetos de educação e cultura popular.

As memórias foram encadeadas por narrativas que descreveram os fatos decorrentes do golpe militar em relação aos membros e às ações da campanha. É por intermédio de suas narrativas memorialísticas que suas experiências são compartilhadas. Nessa perspectiva, conforme Benjamin (1994), narrar é entremear experiências, é compartilhar aquilo que se viveu e, com isso, o desejo de que outras pessoas possam também fazê-lo. Sobre isso, Mailde Galvão escreve: “é uma pena que, até agora, outros companheiros, vítimas da repressão, não tenham, ainda, conseguido arrancar das suas feridas outros fatos que poderiam denunciar e documentar a injustiça e crueldade da ditadura em Natal” (Galvão, 1994, p. 8). Ao tratar de si, ela também aborda os dias seguintes ao golpe militar na cidade de Natal, as invasões militares aos órgãos públicos, as prisões arbitrárias, os conchavos do governador Aluísio Alves e os penosos depoimentos desse período.

Na maior parte da composição textual, ou seja, em 16 dos 25 capítulos, Mailde adota a postura da narradora-observadora, descrevendo os fatos como se estivesse alheia à situação. É somente a partir do capítulo 17, quando relata as “Últimas prisões”, que a narradora, envolta em emoções, assume a primeira pessoa do discurso, e a narrativa ganha uma tônica de individualidade.

Fácil era concluir que se fechava o cerco em torno de mim e que era iminente a minha prisão. É impossível explicar o que senti. Nada comentei com minha família sobre o ocorrido, nem mesmo com minha filha. Não tive coragem de antecipar-lhes o sofrimento. Tomei algumas providências domésticas, coloquei na bolsa alguns pertences, comprimidos tranquilizantes e aguardei. [...] A minha tristeza não tinha limites. (Galvão, 1994, p. 131-139)

No capítulo 18, ela reitera os temores sentidos, mas expressa também sua resistência ao prestar depoimento ao inquisidor-mor: o delegado Veras, autor do relatório e inquérito que não apenas a incriminou, mas também aos demais membros da campanha. Ela recorda:

De pé, junto a mim, o delegado deu início a sua missão fascista. Afirmou que conhecia tudo sobre minha vida e sobre os atos subversivos que eu havia praticado como Diretora de Cultura. Aconselhou a não mentir nem omitir o que já estava documentado. Tentava aterrorizar-me como se galanteasse. Caminhava em torno da sala e eu me sentia muito pequena, sentada naquela cadeira. Nem ele nem eu prevíamos a dimensão da minha resistência. (Galvão, 1994, p. 143-144).

A descrição do interrogatório desvela acusações, ameaças de transferência para Recife (localidade onde a repressão era bem mais intensa) e sofrimentos oriundos daquele momento. O livro termina com uma reverência “Aos que não sobreviveram” (título dessa parte) às truculências da ditadura militar. Os nomes e feitos de alguns homens – de modo especial, Djalma Maranhão – foram explicitados, como o de Luís Gonzaga dos Santos, vice-prefeito de Natal na época e o de Luís Inácio Maranhão Filho, advogado, professor, deputado estadual e militante do Partido Comunista (Galvão, 1994, p. 199).

Quanto a Margarida de Jesus Cortez, esta foi apresentada por Mailde Galvão, em seu livro, como a protestante que, na reclusão da cela, lia a Bíblia para as amigas e demais detentas a fim de aliviar a tensão (Galvão, 1994). Como anunciado, semelhantemente a Mailde, Margarida compilou suas reminiscências em um livro intitulado *Memórias da Campanha De Pé no Chão Também se Aprende a Ler: reflexões sobre a prática pedagógica de ontem e de hoje*, publicado em 2005 pela EDUFRRN.

O livro está organizado em oito capítulos, acrescidos do prefácio feito por Moacyr de Góes, ex-secretário da educação de Natal e um dos fundadores da campanha “De Pé no Chão...” nessa cidade. Inicialmente, Margarida de Jesus Cortez apresenta em sua obra os dados autobiográficos – com destaque à sua formação profissional –, o convite recebido para participar da campanha de alfabetização e o desfecho desse envolvimento. Dessa forma, a narrativa de Margarida se constitui uma “experiência particular refletida sobre a qual construímos um sentido e damos um significado” (Souza, 2007, p. 66).

Nessa concepção, desde a capa do livro (Figura 4), a autora aponta o desalento imposto pelo encerramento abrupto das atividades da campanha “De Pé no Chão Também se Aprende a Ler” e o desmantelamento do provável acampamento popular. Sustentados por madeiras revestidas de palhas de coqueiros, que serviram tanto como paredes quanto como telhados para proteção contra o sol e a chuva, os acampamentos desabaram sob a força do autoritarismo. Na imagem da capa, percebe-se uma criança sem camisa e descalça contemplando tal destruição. Ao fundo, há outras crianças e adultos que observam as palhas dispersas no chão de terra batida. Existem madeiras derrubadas e apenas uma pequena parte da edificação se mantém de pé, demonstrando, talvez, a resistência dos esperançosos. Acerca do episódio, Margarida reflete: “as professoras que lá trabalharam não foram ‘demolidas’” (Cortez, 2005, p. 219).

Na parte inicial do livro, Margarida de Jesus Cortez expõe as agruras da prisão e as impetuosas consequências de sua participação na campanha. Por isso, escreve na primeira pessoa do singular suas percepções do passado com um olhar do presente.

Fui acusada de subversiva, de envolvimento em questões que atentavam contra a democracia de meu País quando, na verdade, eu estava absolutamente comprometida com a democratização do saber, com a difusão da cultura letrada e a formação de professores capazes de assumirem compromisso com a educação daquelas

crianças, cuja oportunidade de serem alfabetizadas lhes havia sido negada. [...] Minha prisão só ocorreu no mês de maio de 1964. (Cortez, 2005, p. 20-21).

Nos dois primeiros capítulos, Margarida de Jesus Cortez discute o contexto socio-político não apenas do Rio Grande do Norte, mas da América Latina, que foi basilar para o desenvolvimento de movimentos populares de distintas naturezas, como o da educação popular. Nos três capítulos seguintes, aborda a influência de Paulo Freire e detalha as contribuições do educador, assim como a relação da educação com a política. Também apresenta a estrutura organizacional da campanha de alfabetização de Natal, seus objetivos e as metodologias desenvolvidas.

Especificamente no sexto capítulo, o debate sobre a formação docente da década de 1990 ganha centralidade quando Margarida de Jesus Cortez analisa suas memórias com base nas reminiscências do movimento educacional, sobretudo em relação à sua área de atuação. Por isso, o subtítulo do capítulo, “Reflexões sobre a prática pedagógica de ontem e de hoje”, permite a inferência de que escrever suas memórias, especialmente quanto ao trabalho com formação de professores, representou para ela um “reencontro com sua identidade” (Vasconcelos; Gomes, 2021, p. 1436).

A obra se encerra com uma retomada da análise das Unidades de Trabalho, projetos pedagógicos desenvolvidos pelas professoras durante as atividades da campanha nos primeiros anos de 1960 em Natal. Para mais, a autora faz reflexões sobre currículo, interlocução da universidade com a campanha e sua interiorização, findando com ponderações acerca da educação de adultos.

Ao rememorar sua vida, Margarida de Jesus Cortez dedicou atenção à formação docente que se deu antes mesmo de sua admissão na campanha, acompanhando-a na criação do Centro de Formação de Professores e posteriormente, quando se inclinou, na vida acadêmica, a essa empreitada. Ela analisou sua inserção no campo da seguinte forma:

Minha primeira prática didática foi com classe de adultos. Na época era aluna da Escola Normal de Natal e ainda não dominava o processo de ensino/aprendizagem. A situação dos não alfabetizados sempre me chocou profundamente. Como autodidata, criava várias estratégias para ajudar aos alunos quanto à aquisição da escrita e da leitura. Alguns conseguiam vencer os obstáculos; enquanto outros apresentavam dificuldades de aprendizagem. Tal situação era muito frustrante para mim (Cortez, 2005, p. 53)

Sua contribuição para a área da educação, segundo a própria Margarida de Jesus Cortez, seria por intermédio da primorosa formação de docentes que trabalhariam com a alfabetização de crianças e adultos. Em relação a esse tema, Cortez destaca: “ao assumir a direção do Centro de Formação de Professores da Campanha, senti-me fortemente com-

prometida com o problema da formação de professores, dando ênfase especial à questão da capacitação para alfabetizar” (Cortez, 2005, p. 54).

Foram esses elementos que ela procurou evidenciar nos oito capítulos da sua obra.

Ainda no livro em discussão, Margarida de Jesus Cortez reflete acerca das experiências na educação popular. Ela considera:

Ao recordar todo aquele passado, tive momentos de alegria, mas também experimentei instantes de profunda tristeza. Alegria, por saber que fiz o melhor dentro daquele contexto histórico, e tristeza, por lembrar que tudo havia acabado. Porém, ao recordar minhas memórias, em momento algum me senti fracassada. A mesma esperança que sempre alimentou meus ideais continua viva (Cortez, 2005, p. 214)

A obra escrita por Margarida de Jesus Cortez, quando comparada à de Mailde Galvão, apresenta um perfil acadêmico, fazendo interlocuções com distintos teóricos. Nota-se que Mailde se compromete em descrever suas memórias conforme as próprias reminiscências e pesquisas em documentos judiciais e jornais, bem como nos relatos de pessoas presas e perseguidas (Galvão, 1994). Já Margarida de Jesus Cortez se utiliza da experiência profissional como professora universitária para escrever.

Por fim, cabe realçar a relevância das obras produzidas por essas mulheres para a História da Educação, pois ambas aprofundam o debate sobre movimentos da educação popular, especialmente a campanha “De Pé no Chão Também se Aprende a Ler”. Todavia, essa relevância amplia-se ainda mais quando consideramos a área da História das Mulheres, na medida em que encontraram espaço para difundir suas memórias e as registraram por escrito. A subjetividade do olhar feminino sobre a atuação na educação popular foi acompanhada não apenas de sentimentos saudosos e penosos, mas de intrepidez, resistência e persistência, características tão comuns às mulheres.

4 Considerações finais

Refletir sobre a presença das mulheres na história – no caso deste texto, na História da Educação – só é possível por meio do diálogo com fontes históricas. Embora as primeiras fontes mencionadas tenham demonstrado perfis femininos subversivos (mulheres sofreram sanções por atuarem em movimentos de educação popular), é necessário considerar que os registros históricos, principalmente os oficiais, que atendiam explicitamente ao governo autoritário e antidemocrático da época, não são suficientes para encerrar a história.

Insatisfeitas com as narrativas delineadas, mulheres como Mailde Galvão e Margarida de Jesus Cortez decidiram escrever suas versões dos fatos e eventos experienciados. Distanciando-se do intuito de constituir uma “verdade”, assumiram o compromisso de dei-

xar suas impressões por escrito e de colaborar para a História da Educação com os relatos de suas experiências ao longo da história. Assim, ao analisar as produções bibliográficas e as memórias femininas acerca de movimentos de educação popular, foi possível não somente olhar o passado com os olhos do presente, reconhecendo a cabível interferência temporal nas investigações, mas também enxergar a mulher como um sujeito histórico que ora movimenta ora escreve a história.

Ainda que as subjetividades femininas não tenham sido amplamente explicitadas nas obras – afinal, a dureza que sucedeu o golpe e a descrição dos movimentos ganhou centralidade nas narrativas –, tais mulheres aparecem e levam à compreensão de como os textos produzidos por elas assumem o sentido de expressar e atenuar dores. Também visam afetar leitores em relação a um período histórico marcado não apenas por arbitrariedades, violências e privação de liberdade, mas por um protagonismo feminino, mesmo que revelado timidamente na escrita da história.

REFERÊNCIAS

- ARAÚJO, Marta Maria de; MARQUES, Berenice Pinto; MEDEIROS, Ana Luiza. A educação primária de uma menina da classe trabalhadora (Natal, 1937-1941). **Revista Brasileira de Pesquisa (Auto)biográfica**, Salvador, v. 3, n. 8, p. 644-656, set. 2018. Disponível em: <https://www.revistas.uneb.br/index.php/rbpab/article/view/5187>. Acesso em: 02 fev. 2022.
- BARRETO, Raylane Andreza Dias Navarro; MORAIS, Tayanne Adrian Santana. Como se formar médica no século XIX: o caso da pernambucana Maria Amélia Cavalcanti de Albuquerque. **Revista Brasileira de História da Educação**, Maringá, v. 21, n. 1, p. 2-26, 2021. Disponível em: <https://periodicos.uem.br/ojs/index.php/rbhe/article/view/54720>. Acesso em: 24 abr. 2023.
- BOSI, Ecléa. **Memória e sociedade: lembranças dos velhos**. 3. ed. São Paulo: Companhia das Letras, 2004.
- CANDIDATOS aprovados em concurso para os Correiros. **Diário de Natal**, Natal, ano 12, n. 3.303, 12 jul. 1953, p. 9. Disponível em: https://memoria.bn.gov.br/DocReader/DocReader.aspx?bib=028711_01&pesq=%22Mailde%20Ferreira%22&pasta=ano%20195&hf=memoria.bn.gov.br&pagfis=39692. Acesso em: 19 dez. 2022.
- CHARTIER, Roger. **A história cultural: entre práticas e representações**. Lisboa: DIFEL, 2002.
- CORTEZ, Maria de Jesus. **Memórias da Campanha “De Pé no Chão Também se Aprende a Ler”**: reflexões sobre a prática pedagógica de ontem e de hoje. Natal: EDUFRN, 2005.
- CORTEZ, Maria de Jesus. Margarida Cortez – Campanha De Pé no Chão Também se Aprende a Ler - 50 anos. [Entrevista cedida a] Marisa Sampaio; Rosa Pinheiro. Núcleo de Referência História e Memória da Educação de Jovens e Adultos do RN, Natal, 22 set. 2011. Disponível em: https://nuhmeja.ce.ufrn.br/campanha_entrevistas_videos.html. Acesso em: 28 jan. 2023.
- GALVÃO, Cláudio Augusto Pinto. **Cláudio Augusto Pinto Galvão**: depoimento. [Entrevista cedida a] Alessandra Maria dos Santos para Projeto de Pesquisa “Por uma história das mulheres no Brasil: formação e atuação de mulheres nos movimentos de educação popular do Nordeste do Brasil”. Google Meet [Natal-RN; São Lourenço da Mata-PE 08 mar. 2021.
- GALVÃO, Mailde Pinto. **1964 – Aconteceu em abril**. Natal: Clima, 1994.
- GALVÃO, Mailde Pinto. [Entrevista cedida a] Eliane Moury Fernandes para o Projeto da Preservação da Memória dos Presos Políticos e Anistiados da Ditadura de 64. CEHIBRA, da Fundação Joaquim Nabuco, 9 dez. 2004.
- GERMANO, José Willington. **Lendo e aprendendo: “A Campanha De Pé no Chão”**. São Paulo: Autores Associados/Cortez, 1989.
- GÓES, Moacyr de. **De pé no chão também se aprende a ler (1961-1964): uma escola democrática**. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 1980.

HOBBSAWM, Eric. Introdução: a invenção das tradições. In: HOBBSAWM, Eric; RANGER, Terence. (org.). **A invenção das tradições**. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 2018. p. 9-23.

MARQUES, Berenice Pinto. **A educação popular para todos de uma cidade educadora (Natal, Rio Grande do Norte, 1957-1964)**. 2015. Dissertação (Mestrado em Educação) – Universidade Federal do Rio Grande do Norte, Natal, 2015. Disponível em: <https://repositorio.ufrn.br/handle/123456789/19841?mode=full>. Acesso em: 06 fev.2023.

MOTTA, Rodrigo Patto Sá. **Em guarda contra o “perigo vermelho”**: o anticomunismo no Brasil (1917-1964). 2000. Tese (Doutorado em História Econômica) – Universidade de São Paulo, São Paulo, 2000. Disponível em: <https://repositorio.usp.br/item/001104535>. Acesso em: 23 fev. 2023.

PASSEGGI, Maria da Conceição; SOUZA, Elizeu Clementino de. O movimento (auto)biográfico no Brasil: esboço de suas configurações no campo educacional. **Investigación Cualitativa**, [S.l.], v. 2, n. 1, p. 6-26, 2017. Disponível em: https://scholar.google.com.br/citations?view_op=view_citation&hl=pt-BR&user=OdHN_owAAAAJ&citation_for_view=OdHN_owAAAAJ:abG-DnoFyZgC. Acesso em: 20 dez. 2022.

PERROT, Michelle. **As mulheres ou os silêncios da história**. Tradução: Viviane Ribeiro. Bauru: EDUSC, 2005.

PERROT, Michelle. Escrever a história das mulheres. In: **Minha história das mulheres**. Tradução: Ângela M. S. Corrêa. São Paulo: Contexto, 2007. p. 13-39.

RELATÓRIO de Veras espelha subversão nos meios Sindical, Estudantil, Intelectual e Prefeitura. **Diário de Natal**, Natal, ano 24, n. 7.293, 28 set. 1964, p. 3. Disponível em: http://memoria.bn.br/DocReader/DocReader.aspx?bib=028711_01&pesq=%22Relat%C3%B3rio%20Veras%22&hf=memoria.bn.br&pagfis=16126. Acesso em: 21 dez. 2022.

RICOEUR, Paul. **Memória, história, esquecimento**. In: Conferência Internacional Haunting Memories? History in Europe after Authoritarianism; Budapeste, Hungria, 2003. Tradução: Universidade de Coimbra. Disponível em: https://www.uc.pt/fluc/uidief/textos_ricoeur/memoria_historia. Acesso em: 20 jan. 2023.

RICOEUR, Paul. **A memória, a história, o esquecimento**. Tradução: Alain François et al. Campinas: Editora da Unicamp, 2007.

SILVA, Cassandra Rúbia Marques da; BASTOS, Luciene Maria. Representações femininas e as lutas pela emancipação por meio da educação e da escrita. **Filosofia e Educação**, Campinas, v. 13, n. 1, p. 1891-1916, jan./abr. 2021. Disponível em: <https://periodicos.sbu.unicamp.br/ojs/index.php/rfe/article/view/8664172>. Acesso em: 21 abr. 2023.

SILVA, José Domingos da.; VERAS, Carlos Moura de Moraes. **Relatório dos inquiridos no governo Aluísio Alves**. Natal: Comitê Estadual pela Verdade, [1964]. Disponível em: <http://www.dhnet.org.br/verdade/rn/veras/relatorioveras.html#relatoriomoura>. Acesso em: 15 jan. 2023.

SOUZA, Elizeu Clementino de. (Auto)biografia, histórias de vida e práticas de formação. In: NASCIMENTO, Antônio Dias; HETKOWSKI, Tânia Maria. (org.). **Memória e formação de professores**. Salvador: EDUFBA, 2007. p. 59-74.

THOMPSON, Edward Palmer. **A Miséria da Teoria e outros ensaios**. Rio de Janeiro: Vozes, 2021.

VASCONCELOS, Maria Celi Chaves; GOMES, Eveline Viterbo. Práticas educativas femininas nas memórias de Maria Paes de Barros. **Revista Ibero-Americana de Estudos em Educação**, Araraquara, v. 16, n. esp. 3, p. 1422-1438, jun. 2021. Disponível em: <https://periodicos.fclar.unesp.br/iberoamericana/article/view/15290/11223>. Acesso em: 17 nov. 2022.

Recebido em março/2023 | Aprovado em setembro/2023

MINIBIOGRAFIA

Alessandra Maria dos Santos

Doutoranda em Educação pela Universidade Federal de Pernambuco. Mestrado em Educação. E-mail: alessandra.msantos@ufpe.br

Raylane Andreza Dias Navarro Barreto

Doutora em Educação pela Universidade Federal do Rio Grande do Norte. Pós-doutora em História da Educação pela Universidade de Lisboa. Professora do Departamento de Fundamentos Sociofilosóficos da Educação, do Programa de Pós-graduação em Educação e do Mestrado Profissional em Educação Básica da Universidade Federal de Pernambuco e coordenadora do Grupo de estudos e pesquisa Interdisciplinar em Formação Humana, Representações e Identidades (GEPIFHRI). E-mail: raylane.navarro@ufpe.br